



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Sena, Fabiana

A imprensa e Carlos Dias Fernandes: o processo de legitimação como autor de livro didático

Educação Unisinos, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 70-78

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644454009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

A imprensa e Carlos Dias Fernandes: o processo de legitimação como autor de livro didático

The press and Carlos Dias Fernandes: The process of legitimation as an author of text books

Fabiana Sena
fabianasena@yahoo.com.br

Resumo: O periódico paraibano *A União*, matutino, órgão oficial do estado da Paraíba, do ano de 1918, foi utilizado para a circulação de *Escola Pitoresca*, tornando este livro conhecido aos leitores do jornal, antes de sua publicação. Este estudo, de caráter histórico, tem como objetivo analisar a circulação do livro didático *Escola Pitoresca*, publicado em 1918, de autoria do escritor e jornalista paraibano Carlos Dias Fernandes, inserindo tal estudo na história do livro didático no Brasil. A obra foi publicada em 1918, no periódico matutino paraibano *A União*, órgão oficial do estado da Paraíba. Este trabalho utilizou como objeto e fonte o próprio livro – textos, prefácio e decreto – e o jornal paraibano *A União*, que testemunhou o processo de produção e de sua suposta circulação pelo Brasil. Para atingir o objetivo traçado, buscou-se na Nova História Cultural apoio para entender o processo de circulação de um objeto cultural na imprensa, possibilitando compreendê-lo em sua especificidade discursiva, além de situá-lo em seu contexto histórico. O artigo revela, também, a estratégia do autor para divulgar o seu livro e a si mesmo entre os leitores no estado da Paraíba.

Palavras-chave: imprensa, livro didático, autor.

Abstract: The periodical, *A União*, the official organ of the state of Paraíba, of the year of 1918 was used for the dissemination of the book, *Escola Pitoresca*, thus making it known to the readers of *A União* before it was turned into an object. This historical study analyzes the dissemination of the textbook, *Escola Pitoresca*, by the writer and journalist Carlos Dias Fernandes, through the newspaper *A União* and inserts it in the history of textbooks in Brazil. It used the book itself – texts, foreword and decree – as its object and source and the periodical, *A União* of the year of 1918, which witnessed the book's production process and its supposed dissemination in Brazil. For that purpose, it makes use of the New Cultural History to understand the process of circulation of a cultural object in the press, which makes it possible to understand the book in its discursive specificity and to situate it in its historical context. Thus, the article shows the author's strategy to make his book and himself known among the readers in the state of Paraíba.

Key words: press, textbook, author.

Este trabalho de caráter histórico analisa a circulação do livro didático *Escola Pitoresca*, o qual foi publicado em 1918, da autoria do escritor e jornalista paraibano Carlos Dias Fernandes¹, no periódico, *A União*, matutino, órgão oficial do estado da Paraíba, do ano de 1918, inserindo tal estudo na história do livro didático no Brasil. Nessa perspectiva, busco mostrar como a imprensa foi utilizada para a circulação de *Escola Pitoresca*, tornando o livro conhecido aos leitores do periódico *A União*, antes de torná-lo um objeto. A importância de tornar visível tal relação se justifica através de Bittencourt (2004, p. 475), a qual considera que “o livro didático possui peculiaridades em sua produção, circulação e uso, entre elas a da autoria, por meio da qual é possível ver a distinção entre o trabalho de escrever um texto e o de fabricar um livro”. Para tanto, este estudo utilizou como objeto e fonte o próprio livro – textos, prefácio e decreto – e o periódico paraibano *A União* do ano de 1918, o qual testemunhou o processo de produção e de sua suposta circulação pelo Brasil. Para atingir o objetivo traçado, buscou-se na Nova História Cultural apoio para entender o processo de circulação de um objeto cultural na imprensa, possibilitando compreendê-lo em sua especificidade discursiva, além de situá-lo em seu contexto histórico.

Na Paraíba, em 1918, vinha a lume o livro *Escola Pitoresca*, do escritor e jornalista paraibano Carlos Dias Fernandes, tendo sido produzi-

do a pedido do governador Francisco Camillo de Hollanda, na época em que estava dirigindo o periódico supracitado. Segundo Bourdieu (1996), há uma relação muito estreita entre os diretores de jornais e os dirigentes políticos no século XIX, os quais foram, e ainda são, figuras importantes para validar os bens culturais. Tal relação pode ser compreendida a partir do final da Idade Média e do Renascimento, com o surgimento do sistema capitalista, em que as produções culturais estavam sob a tutela dos reis e imperadores. Prova dessa imbricação, ainda no início do século XX, é o governador incumbir um homem de letras da produção de um livro didático, cujo material levará, por um lado, a publicidade do governador como um dos feitos da sua gestão, e, por outro, trará fama e dinheiro para o autor da obra. Assim, fica claro que o mundo da literatura e da arte estava e ainda está subordinado às instâncias políticas.

Escola Pitoresca foi dedicada ao universo escolar, e seu título não engana o leitor sobre sua finalidade, em decorrência da palavra “escola”. A capa ratifica esta especificidade pela rubrica – Livro de leitura para as escolas de terceiro grau e complementares. Mas o adjetivo “pitoresca” que acompanha a “escola”, formando o título, atribui um sentido de um livro divertido, recreativo, imaginoso. No posfácio de *Escola Pitoresca*, sob o título “Carta Explicativa”, Carlos D. Fernandes (1918, p. 153) afirma que o seu objetivo é oferecer “uma leitura fácil, aprazível e instrutiva,

que lhe fale ao coração e à inteligência [do aluno]”. Sua concepção de leitura apresenta uma estreita relação com a máxima de Horácio (65 a.C.-8 a.C. em *Arte Poética*, 1993), qual seja, a de deleitar instruindo. Isso faz perpetuar uma tradição de livro de leitura com esse caráter; podemos percebê-lo em livros como *Tesouro de Meninas*, Madame Leprince Beaumont (1846 [1757]), *Tesouro de Meninos* (1851 [s.d.]), de Pierre Blanchard, e *História de Simão de Nantua* (1875 [1818]), de Laurent Pierre Jussieu², os quais circularam na Paraíba e em outras província no Oitocentos (Sena, 2008). O endereçamento ratifica o caráter didático de *Escola Pitoresca*, a qual foi destinada à “adolescência estudiosa do meu país” (Fernandes, 1918, p. 153), oferecendo-lhe conhecimentos necessários para os estudos secundário e superior, os quais contêm conteúdo humanístico, buscando “a cada momento ministrar aos jovens leitores uma breve lição de coisas” (Fernandes, 1918, p. 157).

A folha de rosto de *Escola Pitoresca* apresenta a indicação da aprovação do governador, Camillo de Hollanda, para o uso nas escolas, conforme a Figura 1. Já na página seguinte consta o decreto de nº 913 de março, de 1918, em que o governador expressa o seu pedido formal do livro e o seu uso, marcando uma das suas realizações na área da Instrução Pública. Isto se configura como uma estratégia para a validação do conteúdo dos livros, que se dá na prática de consignar na capa ou na

¹ Carlos Dias Fernandes nasceu em Mamanguape, cidade do litoral norte do estado da Paraíba, no ano de 1874. As suas inclinações para as atividades literárias surgiram desde cedo: “[...] tanto que aos quinze anos, segundo testemunho de Castro Pinto, amigo de infância, confundia os professores da localidade na análise gramatical dos mais difíceis trechos d’*Os Lusíadas*” (Martins, 1976, p. 16). Já na fase adulta, Carlos D. Fernandes esteve sob a influência do movimento simbolista que circundava o seu discurso poético. Foi grandemente influenciado pelo poeta Cruz e Sousa e esteve ao lado de diversas personalidades jornalísticas e poéticas do cenário brasileiro. Carlos D. Fernandes atuou na imprensa de Pernambuco, do Rio de Janeiro, do Pará e da Paraíba. Formou-se em Direito pela Faculdade de Olinda no tempo em que morou no Recife, em 1912. A sua obra é extensa e variada, abarcando romances, discursos, poesias, monografia e livro didático. Entre os romances mais conhecidos do autor estão *Solaus* (1901), *Palma de Acantos* (1907), *A Renegada* (1908), *O Cangaceiro* (1908), *Mirian* (1920), *A Vindicta* (1931), conforme Martins (1976).

² A relação entre *Escola Pitoresca* e Horácio está pautada na concepção didática – instruir e deleitar – que Horácio atribuiu para ensinar a arte dramática. Quanto às demais obras, estas foram analisadas no trabalho de tese intitulado *Tradição da civilidade nos livros de leitura do Império e na Primeira República* (Sena, 2008).

página de rosto a indicação de estar em consonância com os programas de ensino e ter sido oficialmente aprovado pelo Estado. Essa estratégia pode ser compreendida como uma forma de validar o livro junto ao público – as autoridades escolares, os professores, os pais e os alunos.

Carlos D. Fernandes, como autor, exerceu a função de “[...] escribe de uma Palavra que vinha de outro lugar. Seja porque era inscrita numa tradição, e não tinha valor a não ser o de desenvolver, comentar, glosar aquilo que já está ali” (Chartier, 1999a, p. 31). Em *Escola Pitoresca*, esta Palavra vinha da voz do presidente do Estado, através do Regulamento Geral da Instrução Primária – Decreto nº. 873 de 21 de dezembro de 1917 (Paraíba, 1918a), o qual solicitou o livro, e das vozes de outros autores que apresentavam um discurso nacionalista nos livros de leitura, evidenciando a “dependência” do autor (Chartier, 1999b). Outra tradição em que se insere Carlos D. Fernandes é a de autores de livros de leitura, os quais, comumente, foram homens de letras – jornalistas, escritores e poetas – como Olavo Bilac, Coelho Neto, Rocha Pombo, Hilário Ribeiro. Tal tradição vem desde o Império brasileiro, quando “personagens do cenário político também se aventuraram na tarefa de redigir obras a serem divulgadas nas escolas de formação das futuras elites”, segundo Bittencourt (2004, p. 480).

Em *Escola Pitoresca*, encontram-se diversos gêneros narrativos – contos, hinos, fábulas, poesias, narrativas históricas e canções –, os quais introduziam o público juvenil na descoberta do Brasil para que as crianças amassem e defendessem a sua pátria. O conteúdo pode ser

visualizado a partir da tábua de matéria, sumário, a qual aborda o civismo. Assim, há um total de 38 narrativas, divididos em quatro partes para facilitar a compreensão do pequeno leitor. As narrativas desse livro de leitura são independentes, e a extensão de cada uma varia de três a cinco ou seis páginas, com exceção dos poemas, hinos e canções, que se apresentam em uma ou duas páginas. As histórias são narradas na 1ª pessoa do plural e contém ilustrações.

Escola Pitoresca nas páginas do jornal

Após a escrita do livro, Carlos D. Fernandes se deslocou ao Rio de Janeiro para publicá-lo. A preferência

do autor por uma editora carioca pode estar relacionada à situação privilegiada dessa cidade por ter sido o local das decisões políticas e o centro cultural do país na época, dando-lhe visibilidade através do seu livro. O jornal *A União*, matutino, órgão oficial do estado da Paraíba, tendo à frente o próprio autor na função de diretor³, testemunhou esse processo. Valendo-se da sua função, ele utilizou esse veículo, o jornal, para estampar nas primeiras páginas notícias sobre *Escola Pitoresca*, as quais se configuraram como estratégia de autopromoção, já que o jornal é uma instância de consagração desde o século XIX, seja na Europa, seja no Brasil. Bourdieu, ao tratar da gênese e da estrutura do campo literário no século XIX, afirma

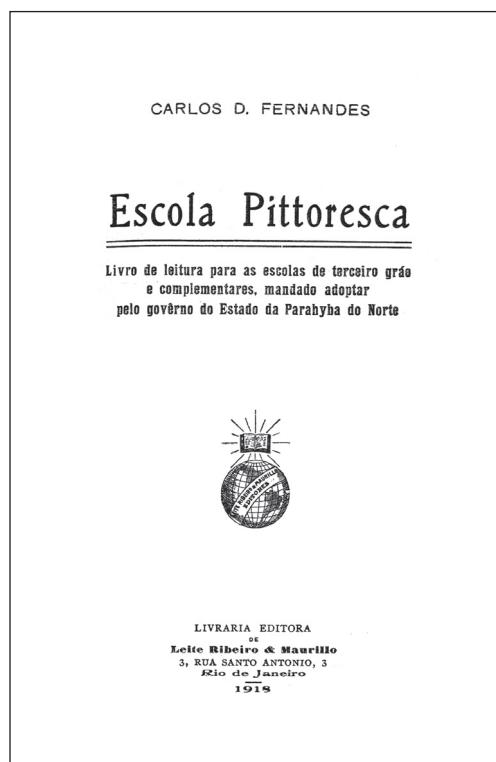


Figura 1. Folha de rosto de *Escola Pitoresca* (1918).
Figure 1. Title page of *Escola Pitoresca* (1918).
 Fonte: Fernandes (1918).

³ Em 1913, Carlos D. Fernandes recebeu o convite do presidente do Estado, Castro Pinto, para assumir a direção do jornal *A União*, ocupando este cargo até 1926.

que “o desenvolvimento da imprensa é um indício, entre outros, de uma expansão sem precedente do mercado de bens culturais, ligada por uma relação de causalidade circular ao afluxo de uma população” (Bourdieu, 1996, p. 70). No Brasil e mais especificamente na Paraíba, a imprensa teve a mesma função, a de mercado dos bens culturais, tornando-se o lugar por excelência de validação, de consagração do autor através das obras literárias e, nesse caso, do livro didático. Nessa perspectiva, podemos compreender o livro didático como mercadoria por ser um objeto de valor financeiro. Segundo Lajolo e Zilberman (2001, p. 18),

o livro configura-se como lugar em que a noção de propriedade mostra a cara, conferindo visibilidade a um princípio fundamental da sociedade capitalista, construída a partir da ideia de que bens têm donos, fazem parte de transações comerciais e, por isso, precisam traduzir um valor, quantidade que os coloca no mercado e dá sua medida.

Fazendo uso dessa estratégia, Carlos D. Fernandes se transformou em notícia na imprensa paraibana a partir do seu livro de leitura que, mesmo antes da sua materialização, ele já fazia circular no jornal. Essas notícias conferiam *status* ao autor, colocando-o em destaque, próprio

aos autores de livros didáticos do país. Isto porque, segundo Bittencourt (1993), havia uma indústria do livro desse gênero, a qual fazia circular o livro didático em todo o país. No Oitocentos e nas primeiras décadas do século XX, era comum encontrar anúncios de venda de livros didáticos nos jornais, bem como de lançamento de livros, o que possibilitava a possível circulação deles nas escolas e, consequentemente, dava prestígio ao autor⁴. A carência de livros nas escolas brasileiras tornava o Estado o principal comprador de livros, o que favorecia a sua circulação superar “todas as demais obras de caráter erudito” (Bittencourt, 1993, p. 109). Por isso, Carlos D. Fernandes proclamou *Escola Pitoresca* nas páginas da imprensa paraibana para divulgar o seu trabalho e se autopromover.

Por ser um industrial da escrita, Carlos D. Fernandes conhecia os meandros para conseguir a consagração entre o público, como pode ser verificado nas notícias a seguir. No dia 9 de fevereiro de 1918a, uma pequena nota na primeira página do jornal *A União* informa o encaminhamento do livro *Escola Pitoresca* para um dos membros do Conselho Superior de Instrução, o Sr. Dr. Eduardo Pinto. No dia seguinte, 10 de fevereiro de 1918b, duas colunas no jornal estampam uma matéria

intitulada *Escola Pitoresca*, a qual trata do conteúdo do livro de Carlos D. Fernandes. Já no dia 19 de fevereiro de 1918c, outra nota relata que esse livro se encontra nas mãos do conselheiro Eduardo Pinto. Essas duas notas demonstram a estratégia usada por Carlos D. Fernandes para tornar seu livro conhecido aos leitores do periódico *A União*, antes de torná-lo um objeto.

Já a nota do dia 27 de fevereiro de 1918d localizada na segunda página do jornal *A União* divulgou que *Escola Pitoresca* circula no estado de Sergipe. Tal nota desprovida de dados de autoria e da data de publicação dificultou verificar o seu sentido no *Correio de Aracaju*. Assim, essa simples informação leva a questionar a presença do livro de leitura de Carlos D. Fernandes nesse estado e apontar algumas questões: teria o autor enviado uma cópia para o jornalista João Menezes? Se teria, por que a enviou antes da sua aprovação, conforme o Decreto nº. 913, de 14 de março de 1918? Não teria ele que aguardar a aprovação, uma vez que seu livro foi feito sob a encomenda do governador da Paraíba? Por que o livro foi transcritto em outro estado antes mesmo da sua publicação?

As notas publicadas no jornal paraibano, acima apontadas, evidenciam indícios da notoriedade que

⁴ Uma passagem do romance *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia e dois anúncios de jornais do Rio de Janeiro ilustram tal afirmação, os quais seguem respectivamente: “Eram boletins de propaganda pelas Províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à sustância, atochando a imprensa dos lugares, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos enfaimados de alfabeto dos confins da pátria” (Pompéia, s.d., p. 41). *Obras didáticas de A.A.P. Coruja*. Coleção de oito grandes exemplares de primeiras leituras, próprios para quadros, 320rs. a coleção Pautas de bastardo, bastardinho e cursivo, com linhas de inclinação 80 rs. Aritméticas para meninos 320 rs. Manual de ortografia, obra pequena 320 rs. Compêndio de gramática de língua nacional, 1\$000. Manual dos estudantes de latim, 1\$000. Lições de história do Brasil, adaptadas à leitura nas escolas primárias, 2 \$000. Compêndio de ortografia, obra grande, 4\$000. Vendem-se nas ruas da Quitanda RS, 64 e 90, e do Ouvidor p. 71 e mais lojas do costume, e em porção com abatimento em casa do autor (*Gazeta de Notícias*, 11/01/1880, p. 4). *Breves lições de história do Brasil*, de que é autor o dr. Creso Braga. O autor, sendo também do gabinete do presidente do Estado do Rio, por um escrúpulo muito louvável, não desejou que o Estado onde tem ligações pela sua posição, se pronunciasse, tendo então, antes da deliberação unânime do Conselho Superior de Instrução Pública do Rio de Janeiro, obtido o parecer da Instrução Pública do Estado de São Paulo, cujo diretor geral assim se exprimiu: “Diretoria Geral de Instrução Pública. – S. Paulo, 4 de abril de 1918. – N. 360. – Sr. dr. Oscar Rodrigues Alves, Secretário do Interior. Obediente a vossa determinação examinei, com mais vivo interesse, o trabalho do Sr. dr. Creso Braga: “Breves Lições de História do Brasil”. É um trabalho magistral – quer pelo estilo, vazado em moldes de puro vernáculo, cheio de clareza, quer pela sucessão dos fatos historiados com fidelidade e escrupulosa ordem cronológica; quer pelas apreciações do autor, despidas de parcialidades, mas sugestivas de ensinamentos cívicos. Que esse livro tem um valor didático inestimável, é este o meu parecer. Atenciosas saudações. – (a) Oscar Tompson, diretor geral” (*O Imparcial*, 11/06/1918, p. 3).

Carlos D. Fernandes pretendeu ter através do seu livro, apresentando ao leitor a sua obra didática antes da sua aprovação e publicação. Essa estratégia de divulgação utilizada por ele foi um modo de tornar o seu livro aceito entre o público, bem como foi um modo de se lançar como autor de livro didático, colocando-se entre os grandes autores, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Fausto Barreto, Carlos Laet, Hilário Ribeiro, João Kópke, Júlia Lopes de Almeida, Romão Puiggari, Fe- lisberto de Carvalho, Arnaldo de Oliveira Barreto, Francisca Júlia e tantos outros. Contudo, ao recorrer a essa estratégia, o autor também estava demonstrando o seu poder de diretor do periódico, fazendo-se notícia na primeira página.

O seu poder no uso desse veículo – jornal *A União* – tornou-se mais explícito ao estampar na primeira página uma manchete sobre a sua ida ao Rio de Janeiro, a qual estava ilustrada com a sua foto, no dia 06 de abril de 1918e, conforme a Figura 2. Embora o motivo da viagem fosse a publicação do livro, as referências a este foram bem pequenas. Assim, o nome de Carlos D. Fernandes tornou-se maior do que o do próprio livro, pois a sua foto lhe conferiu um lugar de destaque, colocando-se mais importante do que o objeto. O restante da notícia se referia ao próprio Carlos D. Fernandes, configurando-se uma reverência a si, como um trecho da reportagem evidencia:

Dr. Carlos D. Fernandes

O seu embarque para o Rio de Janeiro + Os nossos adeus.

A bordo do paquete *Urubá*, do Lloyd Brasileiro, saiu ontem, a bordo do paquete *Urubá*, da Cabedelo, para o Rio de Janeiro, onde o Dr. Carlos D. Fernandes, um dos mais ilustres juristas da Paraíba, e um dos mais notáveis atingentes à edição do seu ultimo livro *Escola Pitoresca*, mandado para oficializar as suas audiências públicas da Paraíba do Norte pelo governo do Estado, o sr. dr. Carlos D. Fernandes, nos caríssimo diretor.

Na noite de ontem grande saudade com que nos apartámos desse querido

espírito de mestre e amigo, em cuja personalidade se integraram todos os respeitos que a sua magnificência de talento e por

esses dotes de alma que somente se

encontra nos que já fizeram do brilho

a predileção em geral.

Na noite de ontem desse propriedade o Dr. Fernandes, de propriedade

um dos maiores agraciados e

honores impostos pelas ações de

grau.

De 1912 a esta parte vem Carlos D. Fernandes, interrompendo, consagrando à *A União* a seiva de



essa espiritualidade elata de irradiante, e o que tem sido o seu esforço dito melhor que as nossas palavras agradecidas essa felicidade que elle trouxe à Imprensa a este jornal, e

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

de sua magnitude intelectual,

porque admiravelmente

ele sabe se julgar comum, quando

por suas qualidades próprias, é

que é a singular vis organizativa

do Carlos tem a radiabilidade

do genio agradado na grandeza

de uma personalidade grande.

Admirável é como um individualidade

íntio originado pelo possuidor de in-

teligência de um grande talento, re-

velando sempre o que é de mais

admirável.

Parece que o festejado filho da Paraíba

não tem a consciência da imensidão

Individualidade já cheia de glórias literárias, que sempre as soube conquistar com galhardia, é o dr. Carlos D. Fernandes um polímata insigne, havendo-se com garbo e maestria no trato das múltiplas modalidades da vida intelectual. Jornalista, crítico, publicista, romancista, poeta, nem mesmo para o campo acidentado do Direito deixou o dr. Carlos D. Fernandes de lançar sua aguda vista, ventilando e resolvendo problemas difíceis e questões interessantes.

[...]

O Dr. Carlos D. Fernandes vem em viagem de recreio (*A Época*, 09/04/1918, p. 2).

No dia 10 de abril de 1918g, viu-se igualmente Carlos D. Fernandes como notícia no jornal paraibano em destaque na primeira página. A reportagem sob o título “Carlos D. Fernandes” informou a sua passagem pelo Recife, sendo registrado pelo periódico *Jornal do Recife*, no qual ele trabalhou em 1912. Mais uma vez não menciona o livro *Escola Pitoresca*, o qual foi o motivo da viagem de Carlos D. Fernandes ao Rio de Janeiro, ressaltando apenas as suas qualidades, tornando-as notícia.

A contratação do editor Sr. Leite Ribeiro para *Escola Pitoresca* foi motivo de nota na primeira página do jornal *A União*, do dia 21 de abril. A nota ainda comunicou que a publicação foi “uma das causas principais da viagem do ilustre intelectual ao Rio de Janeiro, há motivo de cumprimentá-lo pela felicidade e rapidez com que vai realizando os seus desígnios” (*A União*, 21/04/1918h, p. 1). O periódico não deixa de consagrar Carlos D. Fernandes, ratificando a posição que ele ocupa nesse veículo.

Já no dia 22 de abril de 1918i, a informação do dia anterior foi publicada novamente, porém esta se fez de forma resumida, valendo-se de uma pequena nota na primeira página, sob o título “A Escola Pitoresca de Carlos Fernandes contra editor”. Através das notas semelhantes, percebe-se claramente que a intenção do autor não era a de fornecer ao leitor do periódico paraibano informações sobre o processo de editoração da sua obra, mas de se autopromover, pois tal nota não revelou ao leitor, o qual poderia estar interessado em saber, como ocorreu esse processo de escolha da editora, já que autor foi ao Rio de Janeiro para escolher uma editora que publicasse o seu livro: por que Carlos D. Fernandes escolheu a editora Leite Ribeiro e não as renomadas editoras Francisco Alves e Garnier, por exemplo, voltadas para o público escolar, já que tinha pretensões de fazê-la circular nacionalmente?

Apesar de não haver dados e nem documentos que possibilitem compreender essa escolha, a opção pode ter se dado em função de alguns fatores, como o prazo para a publicação; o orçamento do governo destinado à produção do livro; a recusa da *Escola Pitoresca* pelas editoras Francisco Alves e Garnier, ambas localizadas no Rio de Janeiro. Sobre a editora Francisco Alves, Leão (2004, p. 2) afirma: “Dele, dizia-se que farejava o valor comercial de uma obra sem precisar folhear muitas páginas. Suas escolhas, ainda que ditadas pelo apuro do gosto, não eliminavam os cálculos para o negócio”.

Outro fator pode ser atribuído à crença de que uma editora recente no mercado poderia oferecer também visibilidade ao seu livro, conforme sugere o perfil da livraria-editora Leite Ribeiro e Maurillo⁶:

Para expansão do nosso justo orgulho e contentamento aqui registramos as obras que a nossa casa editou ou contratou editar só no seu primeiro ano de existência (de Fevereiro de 1917 a Março de 1918); a quantidade indica a nossa atividade e desenvolvimento, a despeito das dificuldades decorrentes da conflagração européia, e, pelos nomes dos respectivos autores, qualquer intelectual facilmente se certificará do alto valor de tais trabalhos.

Nossas seções de livros de educação,

literatura e ciências, bem como as

de figurinos e jornais ilustrados, são

vastas e modernas.

Uma grande tipografia própria e o estabelecimento de sucursais na Europa e na América do Norte, sobretudo para o serviço de novidades e encartes, completam o nosso plano comercial (Leite Ribeiro e Maurillo, in Fernandes, 1918, p. 1).

No catálogo⁷ da livraria-editora, o qual se encontra no final do livro *Escola Pitoresca*, não há menção aos autores de livro didático como Olavo Bilac, Coelho Neto, Manoel Bomfim, Fausto Barreto, Carlos Laet, Hilário Ribeiro, João Köpke, Romão Puiggari, Felisberto de Carvalho, Arnaldo de Oliveira Barreto, os quais foram consagrados nessa área pelas editoras e pelo público. Mas se, por um lado, a editora não publicou livros de autores renomados, por outro, ela esteve envolvida com produções didáticas.

⁶ Essa livraria-editora estava situada no centro do Rio de Janeiro, na Rua Santo Antônio, 3, junto à Avenida Rio Branco.

⁷ No que diz respeito ao catálogo dos livros da editora Leite Ribeiro e Maurillo, destaco os livros didáticos: *Lições de geometria prática* – (plana e no espaço), do professor Dr. Laudelino Freire; *Compêndio de filosofia escolar* – do professor Dr. Etienne Brasil; *Morfologia geométrica* – do professor Dr. Moreira Alves; *Compêndio de cosmografia* – dos professores Drs. Coelho Lisboa e Etienne Brasil; *Curso elementar da língua inglesa* – do professor Dr. Capitão A. Pereira Pinto – 2^a edição; *Compêndio de higiene* – (completo) – do professor Dr. J. Fontenelle, prefácio do professor Dr. Tamborim Guimarães (obra notável); *O exame de português* – do professor Julio Nogueira, prefácio do professor Dr. José Oiticica; *Nova gramática francesa* – (2^a edição), do professor Justiniano Trigo Negreiros; *Pontos da nossa história* – “Educação cívica” – por Veríssimo e Lourenço de Souza – 5^a edição melhorada (Leite Ribeiro e Maurillo, in Fernandes, 1918, p. 1).

Retornando às notícias sobre o livro didático de Carlos D. Fernandes, no dia 26 de abril de 1918j, *A União* publicou um artigo sobre *Escola Pitoresca* dos jornais *Imparcial e País*, ambos do Rio de Janeiro. Ainda que não mencione datas e autoria das matérias, a última se refere ao periódico *O País* (1918), do dia 18 de abril. Essa mesma matéria foi republicada no dia 7 de maio de 1918k⁸. Outro dado que chama a atenção é que os títulos dos jornais mencionados pela *A União* do dia 26 de abril aparecem sob o título *País* e no dia 7 de maio o periódico passou a ser intitulado *O País*. Um leitor desatento da época poderia não perceber a circulação dos mesmos artigos, pois, no dia 7 do mês seguinte, *A União* inseriu outra matéria de outro jornal, o *Jornal do Comércio*, no qual Carlos D. Fernandes trabalhou no final do século XIX. Ele também trabalhou em outros periódicos cariocas como *Imprensa*, *A Gazeta da Tarde*, *A Cidade do Rio* e fundou as revistas *Meridional* (atuou como secretário) e *Rosa Cruz* ao lado de Saturnino Meirelles, Maurício Jubim, Tibúrcio de Freitas e Elycio de Carvalho, e certamente os seus contatos com os jornalistas desses periódicos favoreceriam a circulação do seu livro no Rio de Janeiro.

A notícia do dia 07 de maio acima revela que o jornal *O País* publicou uma nota a respeito de *Escola*

Pitoresca, conforme constatei no próprio jornal carioca, cuja nota está publicada no dia 18 de abril. A suposta notícia do *Jornal do Comércio* está no estilo das notícias que já foram estampadas na primeira página d'*A União*, a qual se centra mais na consagração da figura de Carlos D. Fernandes. O espaço dado ao livro didático é restrito, mas fornece a autoria da ilustração do livro, atribuída o J. Carlos, José Carlos de Brito e Cunha, o qual foi um chargista, ilustrador e designer gráfico brasileiro e produziu trabalhos nas mais renomadas revistas da época, como *O Malho*, *O Tico Tico*, *Fon-Fon*, *Careta*, *A Cigarra*, *Vida Moderna*, *Eu Sei Tudo*, *Revista da Semana* e *O Cruzeiro*. Entretanto, não há referência ao ilustrador tanto no próprio jornal *A União* quanto em *Escola Pitoresca*.

Já no dia 12 de junho de 1918l, *A União* trouxe, em uma pequena nota na primeira página, a notícia do regresso do autor para a capital paraibana no dia 22 de junho de 1918m. No dia 20 deste mês, o periódico paraibano publicou uma informação do *Jornal do Recife*, o qual divulga a adoção de *Escola Pitoresca* em outros estados. Por haver uma limitação de fontes e dados nessa notícia, não foi possível verificar a comprovação da circulação desse livro de leitura nos estados citados pelo jornal.

Na primeira página d'*A União* do dia 23 de junho de 1918n, viu-se novamente a estampa de uma nota a respeito do embarque de Carlos D. Fernandes para a Paraíba. No dia 27 de junho de 1918o, há uma coluna no jornal informando sobre o desembarque de Carlos D. Fernandes e o motivo da sua viagem no Rio de Janeiro: a editoração e divulgação do seu livro didático. Já a manchete do dia 29 de junho de 1918p, localizada na primeira página, refere-se à chegada do autor: “Carlos D. Fernandes. O regresso do nosso ilustre diretor ‘a sua recepção em Cabedelo e nesta capital e as carinhosas manifestações de simpatia dos seus amigos’ Juízos críticos da imprensa no Rio” (*A União*, 29/06/1918p, p. 1). Essas três notas tornam evidentes a suposta repercussão que o livro do autor teve no Rio e a consagração do intelectual.

Depois do retorno de Carlos D. Fernandes à João Pessoa, *Escola Pitoresca* continuou em evidência na primeira página d'*A União*. Exemplo disso são as notícias dos dias 10, 18 de julho e 25 de agosto de 1918 (1918q, 1918r, 1918s), em que o periódico paraibano publicou notícias dos jornais *A Notícias* e *A Época*, do Rio de Janeiro, e *A República*, órgão oficial do Estado do Rio Grande do Norte, respectivamente, sobre o livro *Escola Pitoresca*, abordando o conteúdo e a autoria. Entretanto, não

⁸ Segue a matéria na íntegra: “Dr. Carlos D. Fernandes. A propósito da publicação do último livro – *A Escola Pitoresca* – da lavra do nosso prezado diretor D. Carlos D. Fernandes estamparam o *Jornal do Comércio* e o *País*, da Capital Federal, respectivamente de 16 e 18 de abril p. findo, os tópicos que passamos para as nossas colunas. Dizem eles muito bem da estima em que é tido no Rio de Janeiro o festejado publicista paraibano. ‘Está desde alguns dias no Rio Carlos D. Fernandes, o admirável poeta que _____ [os espaços em branco referem-se a expressões incompreensíveis] de quinze anos anda pelo norte do país, com a sua loquacidade luminosa e produzindo livros que ninguém mais esquecerá como essa *Palma de Acantos*. P.’. um grego de decadência _____, mas conservando sempre a alma nativa do sertanejo, com músculos de ferro na inconstância de seu destino e pondo _____ de sua força aquele respeito e devoção pela beleza, sinal do verdadeiro artista. Fixado na Paraíba sua terra, ali tem desempenhado um brilhante papel na imprensa desenvolvendo um trabalho profícuo. A sua vinda ao Rio prende-se à necessidade de imprimir um novo livro, desta vez didático, *A Escola Pitoresca*, que a livraria Leite Ribeiro vai editar com ilustrações de J. Carlos. Será uma novidade, pela _____ esse volume. Os nossos livros didáticos são, em geral, xaropes indigestos, impingidas às crianças que não podem protestar. A *Escola Pitoresca* afasta-se totalmente desses moldes e sairá um primor. O livro já está aprovado pelo Conselho de Instrução da Paraíba. A elaboração de J. Carlos vai torná-lo ainda mais atraente. É bem o caso _____ o editor (sic).” *Escola Pitoresca* – Carlos D. Fernandes, o brilhante escritor que é uma das figuras mais curiosas da nossa atualidade mental, tem no prelo uma nova obra, destinada, por certo, a um grande êxito. É a “*Escola Pitoresca*”, livro didático, de que vai ser editora a casa Leite Ribeiro. Da nova obra de Carlos D. Fernandes se sabe que já foi adotada pela instrução pública da Paraíba, para os alunos das escolas primárias e complementares. Trata-se, pois, de um trabalho de indiscutível valor, que há de ser bem recebido pela crítica indígena [termo de cunho pejorativo bastante comum na época e significa originário do próprio país. O uso do termo pode ser verificado em *História da Literatura Brasileira* (1915), de José Veríssimo e em *Maiores e Menores* (1950) de João Lélis, o qual se referiu a intelectuais indígenas]. E é de se esperar que outros Estados sigam o exemplo da Paraíba, adotando, para uso nas suas escolas, essa obra já recomendada pela aceitação que está tendo no norte do Brasil.”

indicam datas das publicações dos jornais nem a autoria delas, o que sugere a fragilidade das notícias. No entanto, o discurso do governador, Camillo de Holland, na Mensagem de 1918, reverbera *Escola Pioresca* a partir das notícias que circularam na imprensa nacional, conforme o periódico paraibano divulgou:

Desta obra quase toda a imprensa do país se ocupou, enaltecendo-lhe o mérito, realçando-lhe a felicidade e ordem na escolha e distribuição dos assuntos, valendo tão lisonjeiro acomlhimento por uma conquista para as letras didáticas da Paraíba (Paraíba, 1918b, p. 29).

Entre o mês de julho e setembro de 1918, ainda houve diversas notícias a respeito de *Escola Pioresca*. Durante todo esse período, também houve notas de venda do livro na Livraria Andrada n'A União, a exemplo do reclame da Figura 3, o qual mostra o livro como mercadoria.

Considerações finais

No periódico *A União*, foi registrado um total de 35 notícias sobre *Escola Pioresca* e Carlos D. Fernandes. A repetição das notícias e das notícias acerca do processo de edição, da repercussão na imprensa carioca e da suposta circulação da obra em outros estados brasileiros, muitas vezes estampadas na primeira página, revela uma estratégia do autor para divulgar o seu livro e a si

mesmo entre os leitores no estado da Paraíba. Isso demonstra a busca pela consagração, ocupando uma posição entre um filão da indústria do livro didático bastante importante à época dos autores de sucesso de livros didáticos, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Carlos Laet, Fausto Barreto, Hilário Ribeiro, Felisberto de Carvalho, entre outros. Assim, o jornal se configura como “instrumento estruturado e estruturante de comunicação e de conhecimento”, fazendo valer “o poder das palavras”, através da “crença na legitimidade das palavras e daquele que pronuncia, crença cuja produção não é a competência das palavras” (Bourdieu, 2009, p. 15). A partir da perspectiva de Foucault, podemos compreender as notas e notícias inseridas em uma “ordem do discurso”, as quais estavam revestidas de um poder, qualificando a posição de quem falava. No caso de Carlos D. Fernandes, ele falava através dos seus redatores:

[...] o ritual [do discurso] define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção [...] (Foucault, 2000, p. 39).

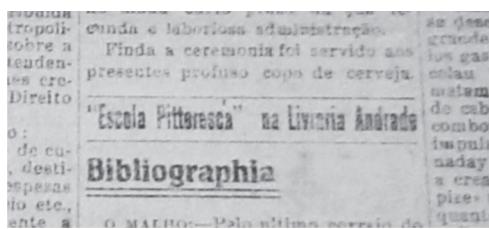


Figure 3. Escola Pioresca à venda.
Figure 3. Escola Pioresca for sale.
 Fonte: *A União* (18/07/1918, p. 2).

Se as palavras sobre Carlos D. Fernandes e o seu livro didático impressas, no jornal paraibano, que estava sob sua direção, poderiam construir a imagem de autor de livro didático aos leitores paraibanos, podemos também perceber nessas palavras o ofício de ser autor desse gênero, o qual está além de escrever somente textos. Corrêa (2006, p. 73), que analisa as estratégias de divulgação do livro escolar no século XIX através das cartas de apresentação dos autores, afirma que

não basta os autores se ocuparem da escrita dos textos que irão ser transformados em livros escolares. Depois de realizado esse trabalho e de negociarem a publicação de sua obra, eles voltam a desempenhar um papel decisivo na tarefa de difundi-la.

Para o autor não bastava que seu livro de leitura estivesse sob a proteção do Estado, pois essa proteção garantia apenas a sua compra e circulação nas escolas paraibanas. Segundo Bittencourt (2004, p. 477), a compra de livro didático pelo Estado possibilita ao autor um “retorno financeiro considerável que ele traz, sobretudo no caso de países como o Brasil, com um expressivo público escolar e um mercado assegurado pelo Estado na compra e distribuição de livros para as escolas públicas”. De acordo com as notícias e notas publicadas no jornal *A União*, Carlos D. Fernandes teve o objetivo que seu livro circulasse entre os leitores brasileiros e paraibanos.

Com efeito, as estratégias de Carlos D. Fernandes no processo de transformação de *Escola Pioresca* em um objeto de leitura, um material didático a ser consumido, anunciamos pelo jornal paraibano *A União* em 1918 confirmam que o sucesso depende do esforço sistemático de divulgação, que conferirá ao autor a consagração e o dinheiro advindos da aquisição do livro. Nessa perspectiva, Lajolo e Zilberman (2001, p. 17)

afirmam que “no moderno sistema de produção, a notoriedade não pode ser dispensada, sob pena de comprometer a circulação e vendibilidade dos objetos a serem comercializados”. Para tanto, o jornal foi o meio para a notoriedade de Carlos D. Fernandes, cujo veículo de comunicação “cria uma reputação e abre um futuro” (Bourdieu, 1996, p. 70).

Referências

- BEAUMONT, M.L. 1846. *Tesouro de Meninas*. Lisboa. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em: 19/07/2007.
- BLANCHARD, P. 1851. *Tesouro de Meninos*. 6^a ed., Lisboa. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em: 19/07/2007.
- BITTENCOURT, C. 1993. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. FFLCH, Universidade de São Paulo, 430 p.
- BITTENCOURT, C. 2004. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, 30(3):475-491.
- BOURDIEU, P. 1996. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 431 p.
- BOURDIEU, P. 2009. *O poder simbólico*. 12^a ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 322 p.
- CHARTIER, R. 1999a. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo, UNESP, 159 p.
- CHARTIER, R. 1999b. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2^a ed., Brasília, Ed. UnB, 111 p.
- CORRÊA, C.H.A. 2006. *Círculo do livro escolar: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto educacional amazonense (1852-1910)*. Campinas, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 247 p.
- FERNANDES, C.D. 1918. *Escola Pitoresca*. Rio de Janeiro, Livraria Editora de Leite Ribeiro e Maurillo, 159 p.
- FOUCAULT, M. 2000. *A ordem do discurso*. 6^a ed., São Paulo, Ed. Loyola, 79 p.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. 1880. *Obras didáticas de A.A.P. Coruja*. Rio de Janeiro. 11 de jan., 8 p.
- HORÁCIO. 1993. Arte poética. In: D. TRIN-GALI, *A arte poética de Horácio*. São Paulo, Musa, 101 p.
- DUSSIEU, L.P. 1875. *História de Simão de Nantua ou mercador de feiras*. Lisboa, Livraria de A.M. Pereira. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em: 19/07/2007.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. 2001. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo, Ática, 183 p.
- LEÃO, A.B. 2004. Francisco Alves e a formação da literatura infantil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, I, Rio de Janeiro, 2004. *Anais...* Rio de Janeiro. Disponível em: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/mariahelenacoracao.pdf, acesso em: 10/10/2006.
- LÉLIS, J. 1950. *Maiores e Menores*. João Pessoa, Edigraf, 198 p.
- MARTINS, E. 1976. *Carlos D. Fernandes: notícia biobibliográfica*. João Pessoa, A União. Cia, 231 p.
- PARAÍBA. 1918a. *Regulamento geral da instrução primária*. Decreto nº 873 de 21 de dezembro de 1917. Imprensa Oficial da Paraíba.
- PARAÍBA. 1918b. *Mensagem*. Imprensa Oficial da Paraíba, 74 p.
- POMPÉIA, R. [s.d.]. *O Ateneu*. Rio de Janeiro, Ediouro, 217 p.
- O PAÍS. 1918. *Escola Pitoresca*. Rio de Janeiro, 18 de abr., 8 p.
- O IMPARCIAL. 1918. *Breves lições de história do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 de jun., 8 p.
- SENA, F. 2008. *A tradição da civilidade nos livros de leitura no Império e na Primeira República*. João Pessoa, PB. Tese de doutorado. PPGL/UFPB, 184 p.
- VERÍSSIMO, J. 1981. *História da Literatura Brasileira*. 4^a ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 420 p.

Fontes primárias

- A ÉPOCA. 1918. Rio de Janeiro, 9 de abr., 8 p.
- A UNIÃO. 1918a. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 9 de fev., 8 p.
- A UNIÃO. 1918b. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 10 de fev., 8 p.
- A UNIÃO. 1918c. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 19 de fev., 8 p.
- A UNIÃO. 1918d. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 27 de fev., 8 p.
- A UNIÃO. 1918e. *Dr. Carlos Dias Fernandes*. Paraíba, 6 de abr., 8 p.
- A UNIÃO. 1918f. *Dr. Carlos Dias Fernandes*. Paraíba, 7 de abr., 8 p.
- A UNIÃO. 1918g. *Dr. Carlos Dias Fernandes*. Paraíba, 10 de abr., 8 p.
- A UNIÃO. 1918h. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 21 de abr., 8 p.
- A UNIÃO. 1918i. *A Escola Pitoresca de Carlos Fernandes encontra editor*. Paraíba, 22 de abr., 8 p.
- A UNIÃO. 1918j. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 26 de abr., 8 p.
- A UNIÃO. 1918k. *Dr. Carlos D. Fernandes*. Paraíba, 7 de maio, 8 p.
- A UNIÃO. 1918l. *Dr. Carlos Dias Fernandes*. Paraíba, 12 de jun., 8 p.
- A UNIÃO. 1918m. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 20 de jun., 8 p.
- A UNIÃO. 1918n. *Dr. Carlos Dias Fernandes*. Paraíba, 23 de jun., 8 p.
- A UNIÃO. 1918o. *Dr. Carlos Dias Fernandes*. Paraíba, 27 de jun., 8 p.
- A UNIÃO. 1918p. *Dr. Carlos Dias Fernandes*. Paraíba, 29 de jun., 8 p.
- A UNIÃO. 1918q. *Os livros didáticos*. Paraíba, 10 de jul., 8 p.
- A UNIÃO. 1918r. *Escola Pitoresca à venda*. Paraíba, 18 de jul., 8 p.
- A UNIÃO. 1918s. *Escola Pitoresca*. Paraíba, 25 de ago., 8 p.

Submetido em: 23/05/2010

Aceito em: 09/03/2011